

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Tales of Beedle The Bard*

Autora: *J.K. Rowling*

Texto e ilustrações do miolo © J.K. Rowling 2007/2008

Todos os direitos reservados.

Os direitos de J.K. Rowling como autora desta obra estão certificados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação, sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2008

Tradução: *Marta Fernandes* com exceção do conto *Os Três Irmãos*, traduzido por *Manuela Madureira*

Capa e design de Headcase Design © 2017 by Scholastic Inc. Reproduzido sob autorização

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 434 070/17

4.ª edição, Lisboa, janeiro, 2018

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

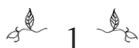
A Lumos, cujo nome é inspirado no feitiço da luz dos livros da série *Harry Potter*, foi criada por J.K. Rowling para que, a partir de 2050, os orfanatos e instituições para crianças à volta do mundo deixem de ser necessários e garantam que todas as futuras gerações de crianças sejam criadas por famílias que as amam. Lumos é o nome operacional da Fundação Lumos, uma companhia limitada registada em Inglaterra e no País de Gales com o número 5611912. E uma instituição de beneficência registada com o número 1112575.



ÍNDICE

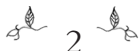


Introdução xi



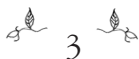
1

O FEITICEIRO E O CALDEIRÃO SALTITANTE 3



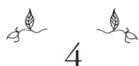
2

A FONTE DO JUSTO MERECEMENTO 21



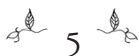
3

O FEITICEIRO DO CORAÇÃO MEDONHO 45



4

A COELHA BABITA
E A ÁRVORE TAGARELA 63



5

O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS 87

*Uma mensagem de Georgette Mulheir,
CEO, Lumos 107*



O FEITICEIRO E O CALDEIRÃO SALTITANTE

Viveu em tempos um velho e bondoso feiticeiro que usava a sua magia generosamente e com sabedoria em benefício dos vizinhos. Em vez de revelar a verdadeira origem do seu poder, fingia que as suas poções, encantamentos e antídotos saíam prontinhos do pequeno caldeirão ao qual chamava o seu caldeirão da sorte. As pessoas vinham ter





com ele de muito longe para lhe contar os seus problemas, e o feiticeiro adorava dar uma mexidela no caldeirão e solucionar o que as afligia.

Este feiticeiro, amado por todos, viveu até uma propecta idade e depois morreu, deixando todos os bens ao seu único filho. Este tinha uma natureza muito diferente da do seu amável pai. Na sua opinião, todos os que não sabiam usar magia não tinham valor, e discordara muitas vezes do hábito do pai em conceder ajuda mágica aos vizinhos.

Após a morte do pai, o filho descobriu um pequeno pacote com o seu nome escondido dentro do velho caldeirão. Abriu-o, na esperança de encontrar ouro, mas em vez disso descobriu um chinelo grosso e macio, demasiado pequeno para usar e sem par. Num pedaço de pergaminho no interior do chinelo liam-se as seguintes palavras: «Com a profunda esperança, meu filho, de que nunca venhas a precisar dele.»



O filho amaldiçoou a mente do pai, que a idade amolecera, e voltou a atirar o chinelo para dentro do caldeirão, decidindo usá-lo daí para a frente como balde do lixo.

Nessa mesma noite uma camponesa bateu à porta.

— A minha neta está aflita com um ataque de verrugas, meu senhor — contou-lhe. — O vosso pai costumava fazer uma cataplasma especial naquele velho caldeirão...

— Sumi-vos! — bradou o filho. — Que me interessam as verrugas da vossa fedelha?

E bateu com a porta na cara da velha.

Ouviu-se de imediato, vindo da cozinha, um ressonante estrondo metálico. O feiticeiro alumiu a varinha e abriu a porta e eis que, para seu espanto, viu o velho caldeirão do pai, de onde brotara um só pé de latão. Saltava no meio do chão, fazendo um barulho tremendo sobre as lajes. Espantado, o feiticeiro



aproximou-se, mas recuou de imediato à pressa ao ver que a superfície do caldeirão estava cheia de verrugas.

— Que coisa nojenta! — gritou. Primeiro tentou fazer Desaparecer o caldeirão, depois esvaziá-lo por meios mágicos e, por fim, obrigá-lo a sair de casa. Contudo, nenhum dos feitiços resultou, e foi incapaz de impedir que o caldeirão o seguisse para fora da cozinha, em direção ao quarto, martelando com estrondo cada degrau de madeira.

O feiticeiro não conseguiu dormir toda a noite por causa das pancadas do velho caldeirão cheio de verrugas mesmo ao lado da sua cama. Na manhã seguinte, o caldeirão não desistiu e saltitou atrás dele até à mesa do pequeno-almoço. *Trás, catrapaz*, fazia o caldeirão com o seu pé de latão, e o feiticeiro ainda nem começara a comer as suas papas de aveia quando bateram de novo à porta.

Na soleira encontrava-se um ancião.